

BIBLIOTECA SAMUEL BENCHIMOL
HEMEROTECA

AUTOR: Adauto ROCHA

ARTIGO: Estrutura Geo - Sócio Econômica da Amazônia (II)

JORNAL: Província do Pará

DATA: 18/10/1966

PROVÍNCIA DO PARÁ - 18-10-66

ESTRUTURA GEO-SÓCIO- ECONÔMICA DA AMAZÔNIA (II)

Adauto ROCHA

No balanço da contribuição da corrente imigrantista nordestina, com predominância do Ceará, de que resultaria a denominação genérica de "cearense" atribuída a todo imigrante do Nordeste, o Autor de **ESTRUTURA GEO-SÓCIO-ECONÔMICA DA AMAZÔNIA** inicia a sua análise a partir da época em que "a borracha amazônica começou a aparecer na pauta da exportação com um embarque de 30 toneladas" (1827) até atingir a sua produção, em 1912, o nível máximo de 42.286 toneladas, no valor de exportação de Rs. 241.425.000\$000, contrastando com a menor produção de 38.547 toneladas, em 1910, no valor de Rs. 376.972.000\$000, ano em que a goma elástica silvestre alcançou o auge de sua cotação no mercado externo.

As sucessivas ondas imigrantistas procedentes do Nordeste, ocorridas ao longo de um período de 70 anos, no decorrer do qual "se desenvolveu o ciclo da borracha silvestre", iriam contribuir, sem dúvida, para provocar profundas transformações na estrutura sócio-econômica da Região, e para "garantir a ocupação brasileira da Amazônia Meridional e Ocidental", ocorrendo assim o processo de deslocamento de sua fronteira econômica e política, assinalada pela incorporação do Acre ao conjunto nacional.

O professor Samuel Benchimol, numa expressiva síntese conceitual a respeito do importante papel que os nordestinos passaram a desempenhar na vida e no complexo amazônico, assim configura o fenômeno:

"A contribuição dessa corrente cultural está assinalada, inicialmente, pela sua participação predominante no ciclo extrativo da borracha silvestre, criando uma outra Amazônia de valentia e cobiço, bem distante da Amazônia tradicional dos caboclos do beirão da ca-

fe político, coronel de barranco e deputado, até atingir a chefia dos governos dos diversos Estados amazônicos".

O Autor, nos estudos finais do primeiro volume de sua obra, apresenta um amplo balanço da integração política e econômica da Amazônia ao conjunto brasileiro, e cujo processo, iniciando-se na segunda metade do século XIX com a atuação do contingente cultural nordestino, passaria a condicionar-se, ulteriormente, através da emergência de tantos outros fatores históricos, econômicos e políticos, que culminariam com a integração definitiva da região acreana ao Brasil.

Outros fatores e fatos mais recentes são analisados pelo professor Samuel Benchimol "dentro do contexto do processo de integração da Amazônia", identificados pela ação dos governos federal e estadual, compreendendo a criação dos Territórios Federais, institutos de crédito, SPVEA, deslocamento do centro político do país com a transferência da Capital Federal para Brasília, na confluência das bacias do Amazonas, São Francisco e Paraná, fato de que surgiria a necessidade das interligações regionais entre Belém e Brasília, concretizadas com a grande rodovia BR-14, e iniciadas com a de Brasília-Rio Branco, no Acre.

A elaboração e execução de programas desenvolvimentistas, criação de órgãos estaduais de planejamento e desenvolvimento, nas unidades políticas integrantes da Amazônia, passaram a constituir importantes fatores de integração econômica da Região.

Esse conjunto de fatos políticos e econômicos "revela o despertar da sensibilidade nacional para o inadiável problema de ocupação da grande área, superando aquela etapa anterior que caracterizava a região como reserva estratégica para o

chimol procede a uma percucente análise relacionada com os principais aspectos que individualizam as diferentes áreas da economia amazônica, partindo basicamente do contexto ou estudo setorial, para concluir com a identificação, balanço e síntese dos resultados até agora alcançados ao longo do processo de estruturação da economia regional.

O Autor, além de sugerir e proporcionar segura orientação interpretativa desse processo, "em suas linhas particulares", indica a possibilidade de promover-se, "através da metodologia macroeconômica" a mensuração e avaliação dos "agregados que compõem o conjunto significativo das atividades econômicas", assinalando que "este procedimento permitirá melhor apreciação crítica, com vistas ao aperfeiçoamento dos instrumentos analíticos propostos" em sua obra.

E que esses instrumentos possibilitam, com efeito, "definir, no futuro, com maior exatidão e objetividade, o entendimento dos complexos problemas e orientar — conclui o professor Benchimol — as decisões que terão de ser tomadas para promover o desenvolvimento e integração regional".

A análise da estrutura econômica da Amazônia, partindo de seus fundamentos e do seu processo históricos, estende-se à economia extrativa florestal e animal, extrativa mineral, fluvial e lacustre da pesca, campestre da pecuária bovina, ribeirinha da lavoura de subsistência, agro-industrial e de exportação da várzea e terra firme, urbana industrial e de serviços, bem como à estrutura agrária, à financeira e fiscal, à de intercâmbio e à estrutura da Renda Regional.

Mostra, na abordagem do contexto do processo histórico da estruturação econômica da Amazônia, os múltiplos fatores, endógenos e exógenos, que atua-

te cultural está assinalada, inicialmente, pela sua participação predominante no ciclo extrativo da borracha silvestre, criando uma outra Amazônia de valentia e cobiça, bem distante da Amazônia tradicional dos caboclos do beirão da calha central. Nesse ciclo atuaram como principais personagens, como seringueiros e seringalistas, marcando a fisionomia econômica regional com o complexo do barracão e tapiri da grande propriedade feudal-latifundiária, e escrevendo em sua façanha o último capítulo imperial da conquista do espaço continental brasileiro".

E conclui:

"O imigrante nordestino percorreu na Amazônia um longo caminho de sofrimento para chegar à ascensão e classificação econômica, social e política. Flagelado, retirante, braço, seringueiro e extrator em sua primeira fase. A seguir regatão, seringalista, cabo eleitoral, che-

Esse conjunto de fatos políticos e econômicos "revela o despertar da sensibilidade nacional para o inadiável problema de ocupação da grande área, superando aquela etapa anterior que caracterizava a região como reserva estratégica para o futuro".

Lançando uma séria advertência, o Autor assim expressa o seu pensamento:

"A ação regional e local, no nível político, empresarial e popular será frustrada se não conseguirmos formar os quadros organizacionais e técnicos responsáveis pela liderança do processo de expansão econômica e social, cujas bases vêm sendo historicamente formadas ao longo do processo de intercâmbio e assimilação social e cultural que assinala e caracteriza a atual sociedade amazônica".

No segundo volume de sua obra, o professor Samuel Ben-

me, urbana industrial e de serviços, bem como à estrutura agrária, à financeira e fiscal, à de intercâmbio e à estrutura da Renda Regional.

Mostra, na abordagem do contexto do processo histórico da estruturação econômica da Amazônia, os múltiplos fatores, endógenos e exógenos, que atuaram nesse sentido, as emergências conjunturais e cíclicas, positivas e negativas, favoráveis e desfavoráveis, que ocorreram ao longo desse processo, com a predominância do ciclo da borracha silvestre.

Durante esse processo, que se promoveu e se tem promovido ainda desarticuladamente, isto é, através de prósperas e decadentes fases das atividades econômicas regionais, importantes experiências e tentativas se registraram no campo da produção ou economia agrícola, pecuária e extrativa vegetal e de programação de base desenvolvimentista, e que, no entanto, não lograram estabelecer-se, expandir-se e desenvolver-se duradouramente, pela falta de condições fundamentais de estímulo efetivo, público e privado, garantidores de uma continuidade incremental necessária.

Interpretando esse fato, o professor Samuel Benchimol afirma:

"O balanço histórico da performance da economia amazônica revela que a região, em várias épocas, encontrou muitas oportunidades para desencadear um processo duradouro de desenvolvimento. Essas oportunidades, no entanto, foram desperdiçadas ou perdidas por imprevidência, omissão, incapacidade técnica ou ausência de pré-requisitos essenciais para o seu real aproveitamento".

Na relação dessas oportunidades perdidas, destaca o Autor a cultura do arroz no Marajó e Pará, no fim do século XVIII e posterior à cultura do algodão no princípio do século XIX, imigrada para o Nordeste e São Paulo; a cultura do cacau nativo da região, transplantada para a Bahia; a cultura do café, que se encaminhou para diversas áreas do Sul; a criação do bovino, no Marajó, Baixo Amazonas desde o século XVIII, tendo os rebanhos estagnado "por falta de tratos e de ação empresarial"; a cultura da borracha, "cujo extrativismo florestal gerou a fase mais próspera da economia regional", derrotada pelos seringais plantados na Malásia, e, finalmente, pela implantação racional de seringais na Bahia e surgimento da borracha sintética; a elaboração e apresentação de um verdadeiro "plano de valorização econômica da região estruturado com base na Lei 2.542-A de 5 de janeiro de 1912", sem que chegasse, no entanto, a ser implementado.